



DO ASSENTAMENTO TRADICIONAL AO COLONIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DOS POVOS LAKLÃNÕ-XOKLENGE A COLONIAL DO VALE DO ITAJAÍ

Bruno Mello
Cristiane Mansur de Moares
Camila Rosa Souza
Pedro Ivo de Menezes

Resumo: Os índios Laklãnõ-Xokleng são sobreviventes de um processo de colonização que quase os exterminou em sua totalidade. Atualmente, os conflitos entre a população urbana e os indígenas vem se intensificando cada vez mais. O objetivo desse ensaio é fazer uma análise comparativa entre os modelos de ocupação do espaço dos povos Laklãnõ-Xokleng e a colonial Germânica no Vale do Itajaí, com vistas a identificar elementos importantes dos distintos processos. A metodologia é uma pesquisa exploratória a partir de artigos, livros e notícias. Foi dividida em 2 etapas: i) história da ocupação Laklãnõ-Xokleng e os conflitos e a história da ocupação alemã no Vale do Itajaí e seus conflitos; ii) análise comparativa entre os dois modelos. Os resultados apontam que o modelo de ocupação Laklãnõ-Xokleng foi de fundamental importância para a preservação do meio ambiente, pois havia reciprocidade entre os elementos (homem-natureza). A comunidade é sociopoliticamente funcional e compartilhada, assim, evitando desigualdades e problemáticas socioambientais internas. As problemáticas socioambientais (desastres, desigualdade social, violência, fome e etc.) surgem com os modelos urbanos europeus que estabeleceu estruturas sociais fragmentadas, ocupando o espaço de forma racional, sem preocupação com o meio ambiente, fauna e flora e etc., resultando em intensos conflitos por espaço.

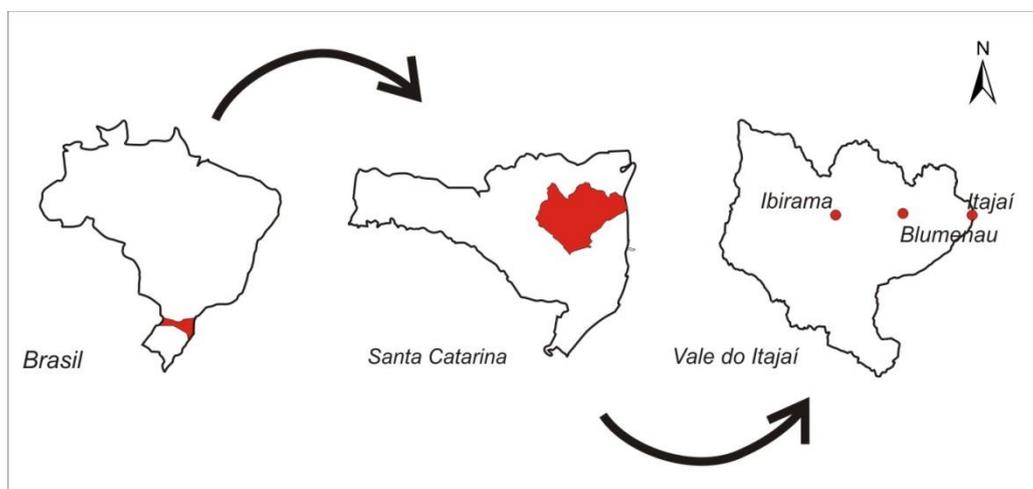
Palavras-chave: Povos Laklãnõ-Xokleng. Colonização. Ocupação do espaço. Conflitos socioambientais.

1. INTRODUÇÃO

Os índios Laklãnõ-Xokleng são sobreviventes de um processo brutal de colonização do Sul do Brasil no início do século XIX, que quase os exterminou em sua totalidade (WIJK, 2018). As lutas pelo território empurraram os Laklãnõ-Xokleng, que ocupavam uma área que abrangia o Norte do Paraná ao Nordeste do Rio Grande Sul, para uma pequena área demarcada no município de Ibirama, Vale do Itajaí, Santa Catarina (SANTOS, 1988). O local onde os indígenas foram relocados é suscetível a inundações, impulsionada por uma barragem construída nos anos 70, para minimizar as cheias nas cidades do Vale (SHIMITZ, 2017). Estas inundações

atrapalham a rotina laboral dos indígenas, uma vez que, em sua história não há registros de desastres socioambientais. A forma de ocupação e o pensamento racionalizado, importados da Europa, tem fundamental relevância nas problemáticas enfrentadas pelos indígenas e pelos habitantes das cidades do Vale do Itajaí (SC). Pois, os problemas socioambientais, como os desastres, foram construídos a partir do processo de colonização europeia no território brasileiro.

Figura 1 – Localização do Vale do Itajaí (SC)



Fonte: Autor, 2018

Em contexto, o objetivo desse ensaio é fazer uma análise comparativa entre os modelos de ocupação do espaço dos povos Laklãnõ-Xokleng e a colonial Germânica no Vale do Itajaí, com vistas a identificar elementos importantes dos distintos processos. A metodologia é uma pesquisa exploratória a partir de artigos, livros e notícias. Foi dividida em 2 etapas: i) história da ocupação Laklãnõ-Xokleng e os conflitos e a história da ocupação alemã no Vale do Itajaí e seus conflitos; ii) análise comparativa entre os dois modelos.

2. PARALELO ENTRE O MODO DE OCUPAÇÃO DOS POVOS LAKLÃNÕ/XOKLENG E DO COLONIAL GERMÂNICO

Para esta etapa, serão discutidos os modos de ocupação dos modelos distintos, povos Laklãnõ/Xokleng e do Colonial germânico. Objetivo é fazer um apanhado histórico, abordando os



modos de ocupação do espaço, estruturas sociais e os impactos do encontro entre os povos. Por fim será feita uma conclusão sobre as informações discutidas em forma de fluxograma, fazendo um resumo entre o histórico das ocupações e as problemáticas socioambientais geradas.

2.1. **OCUPAÇÃO DOS POVOS LAKLÃNÕ/XOKLENG**

Os Laklãnõ-Xokleng é um povo tradicional de cultura milenar, que habitavam o Sul do Brasil, mais precisamente do Rio Grande Sul ao Norte do Paraná (FIGURA 2). Os Laklãnõ-Xokleng são considerados uma grande nação da antiguidade (WIJK, 2018). Através de escavações realizadas em junho de 2004, na cidade catarinense de Abdon Batista, por arqueólogos da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), foram descobertos vasos de cerâmica de 2860 a.C., sendo esta a segunda descoberta mais antiga do Brasil (MAIOR, 2015).

Os Laklãnõ-Xokleng tinham um modo de apropriação do espaço diferente dos modelos urbanos europeus. Estes povos eram coletores, caçadores e seminômades e migravam pelo território em movimentos cíclicos (WIJK, 2018). Este fato os torna o povo um grande conhecedor do espaço no qual ocupavam. Entre os membros havia equidade e uma reciprocidade socioambiental com os elementos naturais (vegetação, rios, nascentes e animais). O modo de ocupação, por não ser fixo, não deformava o ambiente com cortes e aterros, nem ocupavam áreas de deslizamento e inundação, sendo este primeiro pouco recorrente na época.

O povo Laklãnõ/Xokleng percebe a Terra como um espaço sagrado que protege e que promove a vida por meio de uma prática da dádiva e da reciprocidade. Da mesma forma que a natureza cuida e torna possível a vida humana, os seres humanos, por reciprocidade, são convidados a cuidar e a proteger a natureza (FLORIT et AL, 2016).

Os Laklãnõ-Xokleng tinham uma estrutura social formada por pequenos grupos. Instalavam-se em abrigos feitos de troncos finos e folhas, a disposição dos equipamentos (ocas, salões e etc) era implantada de forma orgânica. Normalmente, ocupavam áreas baixas dos morros, com certa regularidade topográfica, livre de enchentes e deslizamentos de terra. Não há registros de desastres socioambientais envolvendo os Laklãnõ/Xokleng. Este modelo integrado à natureza, apropriando-se apenas do necessário ajudou a preservar o meio ambiente e a garantir que o povo existisse até os tempos atuais. No final do século XIII, era necessário ligar o Rio

Grande do Sul a São Paulo, com a construção de estradas e cidades. Dom João VI, pela Carta Régia de 05/11/1808, declarou guerra aos Laklãnõ/Xokleng dos campos de Lages e Guarapuava (PEREIRA et al., 1998). No século XIX se intensificam as batalhas com chegadas dos imigrantes europeus no Vale do Itajaí. Com técnicas prontas, ocuparam as margens de rios, devastaram as florestas, e exterminaram espécies da fauna e flora, inclusive os próprios povos tradicionais da região (WIJK, 2018).

Figura 2 – Território histórico dos Laklãnõ/Xokleng



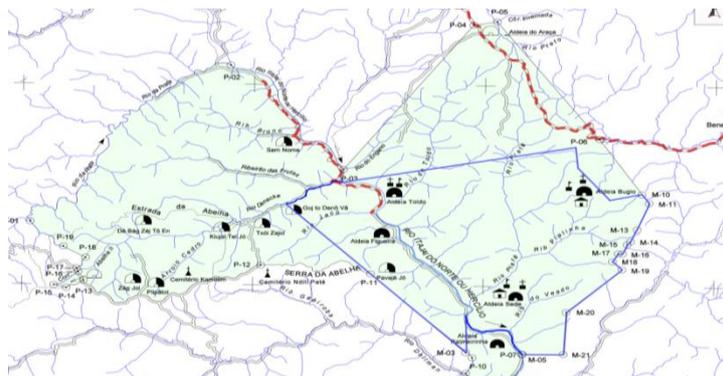
Fonte: SANTOS (1988)

Em 1926, Eduardo de Lima conseguiu que o Governo do Estado de Santa Catarina doasse à comunidade indígena o território que ainda ocupa (MULLER, 1987, p. 23). A área foi titulada em 26 de outubro de 1965 (FIGURA 3), pelo governo do estado. Ao longo do tempo a terra demarcada sofreu transformações, uma das mais significativas foi a instalação de uma Barragem, construída na década de 1970 (SHIMITZ, 2017). Ela teve a finalidade de represar as

águas do Rio Hercílio e, assim, evitar as cheias no Vale do Itajaí. Observou-se que na década de 1950, a população do Vale do Itajaí, sobretudo Blumenau, fez uma série de mobilizações e exigiu das autoridades públicas uma solução para as enchentes que assolavam a região, cheias que se tornaram frequentes a partir dos anos 20 (NAMEN, 1994, p. 32).

Em 1961, foi definido e executado pelo extinto DNOS (Departamento Nacional de Obras de Saneamento) o Plano de Contenção das Enchentes do Vale do Itajaí, no qual estava incluída a Barragem Norte (José Boiteux), a Barragem Oeste (Taió) e a Barragem Sul (Ituporanga). Assim, a construção da Barragem Norte trouxe alívio para a população do Vale do Itajaí, mas deixou um grande passivo aos residentes da área indígena de Ibirama (SHIMITZ, 2017). Única remanescente dos Laklãnõ-Xokleng que vive ainda numa organização sociopolítica unitária.

Figura 3 - Terra Indígena Ibirama Delimitada e Demarcada (Xokleng/Laklãnõ)



Fonte: Fundação Nacional do Índio - Coordenação Regional do Litoral Sul

As consequências socioambientais da instalação dessa barragem foram bastante sérias. Dentre os problemas, estavam a perda de cerca de 1000 hectares de terra com o alagamento. A Barragem Norte alterou de forma irreversível o cotidiano do Povo Laklãnõ/Xokleng, sem que este sequer pudesse participar do processo de decisão (FLORIT *et al*, 2016). Como consequência, os indígenas tiveram que se mudar para terras mais altas, íngremes, menos produtivas (SHIMITZ, 2017). Segundo Florit *et al* (2016) a obra da barragem:

[...] não apenas ocupou suas melhores áreas agricultáveis e suas construções, mas também desconsiderou a concepção da natureza e da paisagem que envolve uma relação milenar entre mundos biofísicos, humanos e espirituais. Estas constituem sistemas de conhecimento e modos de vida que se apoiam numa relação espiritual-social-cultural com a natureza, que embasa a construção da paisagem desde sua perspectiva cultural.

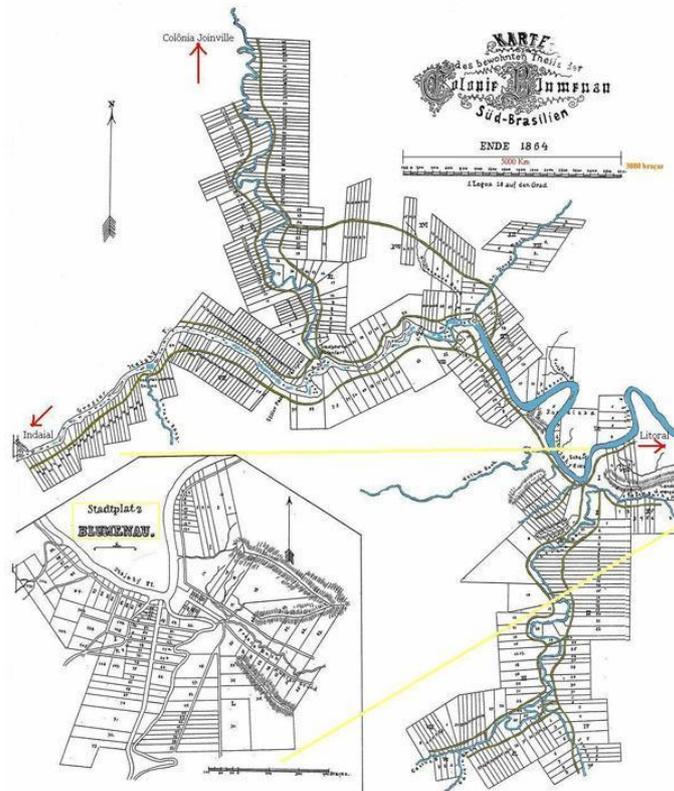


Com todas as alterações promovidas e ou agravadas pela barragem, somadas à insegurança e à instabilidade de todas as formas, muitos indígenas buscaram tentar a vida na cidade (SANTOS, 1997). Atualmente são pouco mais de 1000 indivíduos vivendo nessa região com intensos conflitos no território.

2.2. COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO VALE DO ITAJAÍ

Os primeiros alemães chegam ao município de Blumenau, localizado no Vale do Itajaí/SC, em 2 de setembro de 1850. Poucos anos após a chegada dos colonizadores, é constituído o primeiro núcleo urbano da colônia, a Stadplatz (FIGURA 4). A divisão dos lotes coloniais foi feita neste período, seguindo o traçado dos rios e ribeirões (Strassendorf) (FIGURA 4). Este modelo auxiliava o proprietário do lote no manejo da água, no uso doméstico, sanitário, irrigação da plantação e acessibilidade por meio natural (WITTMAN, 2015). Como a divisão dos lotes tinham como referência os cursos de água e a economia baseada na agricultura, o processo de devastação ambiental e ocupação da mata ciliar era inevitável.

Figura 4 – Stadtplatz e a divisão dos lotes coloniais



Fonte: Angelina Wittmann, 2015

A infraestrutura urbana se desenvolve, com a construção de ruas pavimentadas, hospitais, escolas e a estradas de ferro, automóveis, energia elétrica e difusão da radio televisão. A indústria torna-se a base da economia, fato que impulsiona o crescimento da população, principalmente com a migração de brasileiros. Os donos de indústrias formam uma classe burguesa, em compensação, aumenta a desigualdade social e pobreza, surgindo os primeiros aglomerados subnormais na cidade. Com grande parte da população se aglomerando em áreas suscetíveis à cheias, as enchentes se tornaram algo recorrente. Em 1983/ 1984 ocorreram os maiores desastres ambientais na cidade, até este período. A enchente com cota de 15,34 m, atingiu 135 municípios, deixando cerca de 198 mil desabrigados e 49 mortes (CEPED).

Após este evento ocorre uma mudança na forma de prevenção das enchentes e no planejamento urbano, como a construção de barragens. Há também uma mudança no planejamento urbano da cidade, permitindo verticalização das áreas mais baixas e do centro da cidade. Esta estratégia faz com que a especulação imobiliária gentrifique o centro e as áreas



mais planas. Este processo intensificou a ocupação das encostas, no qual, os mais pobres se aglomeraram nas áreas periféricas, vulneráveis a deslizamentos de terra. Também buscou-se no turismo uma forma de reconstrução da autoestima do povo da cidade. Uma das estratégias é a criação da Oktoberfest, festa com apelo a cultura germânica. Posteriormente, por uma convenção, a região ficou conhecida como “Vale Europeu” que [...] exalta as marcas e os costumes da colonização europeia, enfatizando a cultura alemã e a italiana, assim como as belezas naturais propícias para ecoturismo, turismo de aventura e etc. (FLORIT et Al, 2016). Não trazendo nenhuma referência às populações indígenas e seu modo de vida, assim não só negando o rico passado dos Laklãnõ-Xoklengs, mas também os mantendo marginalizados.

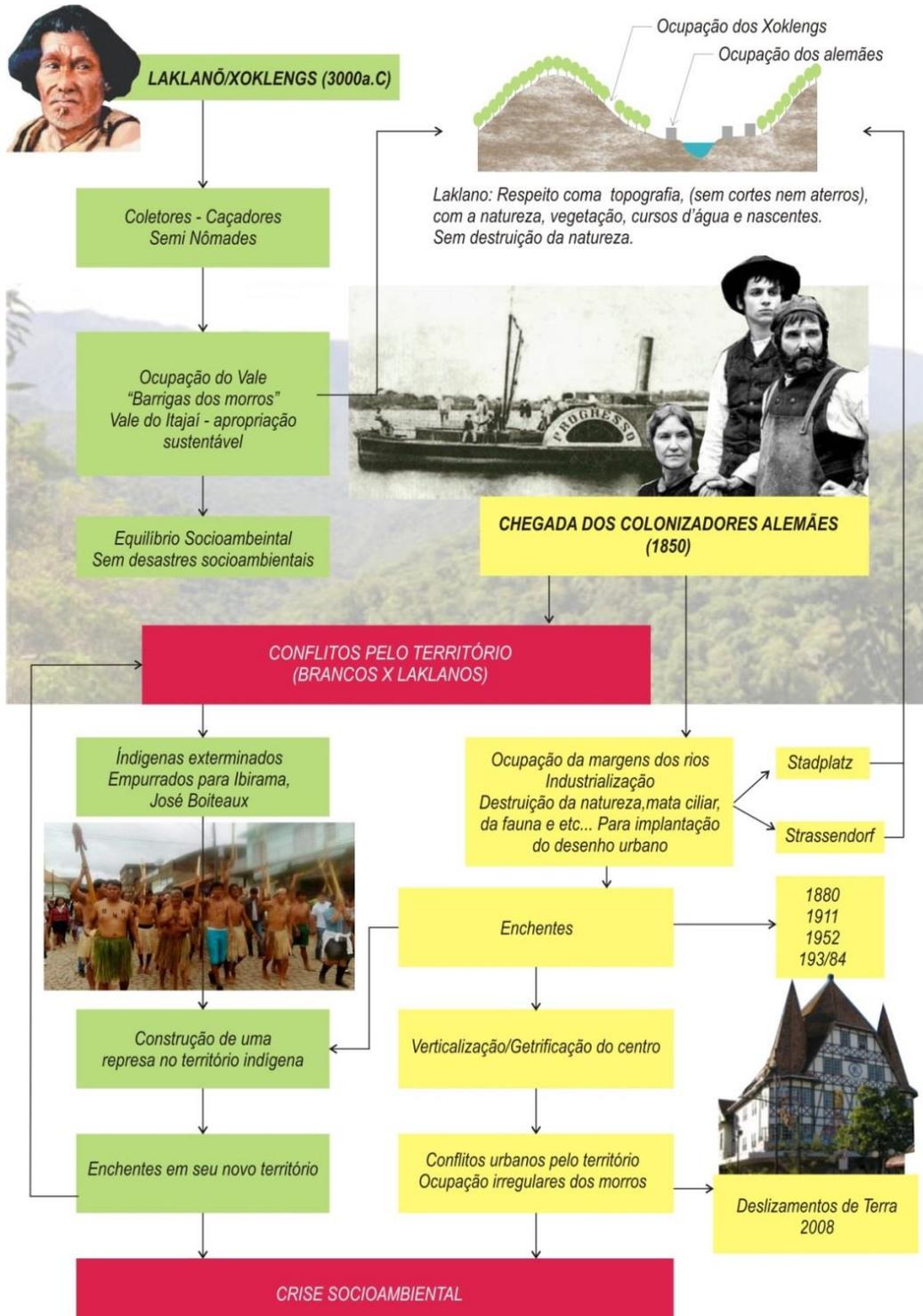
Nos anos 90 com a abertura do mercado internacional no governo Collor, a indústria têxtil teve considerável perda econômica, dando lugar ao setor de serviços. Mesmo com a queda da indústria têxtil, as migrações continuaram a representar um grande crescimento populacional na região. No ano de 2008, ocorreu o maior desastre socioambiental do estado de Santa Catarina. O desastre foi caracterizado por uma série de deslizamentos de massa, enchentes e enxurradas ocorridas principalmente no Vale do Itajaí. Segundo os dados da Defesa Civil, 63 cidades entraram em situação de emergência, 14 em estado de calamidade pública, 135 mortes, e 1,5 milhões de pessoas foram atingidas (CEPED, 2015). De acordo com o relatório “Avaliação de Perdas e Danos: Inundações bruscas em Santa Catarina, novembro de 2008”, elaborado pelo Banco Mundial, as perdas e danos foram significativos para o estado, totalizando 4,75 bilhões de reais, distribuídos nos setores de infraestrutura, social e produtivo.

O desastre de 2008 é um evento emblemático, pois a região viu sua capacidade de resiliência colapsar, após anos de ocupação em áreas inapropriadas, devastando o meio natural combinado com mudanças de clima. Atualmente o Vale do Itajaí, com mais de 1 milhão de habitantes, vive com a incerteza de um novo evento climático, por conta de uma colonização que ocupou o espaço de forma agressiva, estratégias pontuais e unidimensionais, migração desenfreada que se apropriou de áreas suscetíveis à deslizamentos e enchentes.

2.3. CONCLUSÃO

Por fim, foi desenvolvido um fluxograma autoexplicativo (FIGURA 5), fazendo uma síntese dos impactos causados pelas duas formas de ocupação. Dando destaque para ocupação colonial, que em menos de 200 anos causou uma grande parte dos problemas socioambientais que convivemos no Vale do Itajaí, atualmente.

Figura 5 – Ocupação Laklãnõ-Xokleng e a germânica no Vale do Itajaí



Fonte: Autor, 2018

3. ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O MODELO TRADICIONAL E O COLONIAL

Esta etapa foi desenvolvida com intuito de analisar os dois modelos de ocupação do território, a fim de, apresentar uma discussão das problemáticas e conflitos no Vale do Itajaí. A Tabela 1, explicitam que os modelos de assentamentos importados da Europa é um dos causadores das problemáticas socioambientais no Vale do Itajaí. Na tabela também apresenta que os Laklãnõ-Xokleng eram profundos conhecedores do território, ocupavam de forma sustentável e preservacionista, pois não há registros de desastres socioambientais, durante seu domínio.

Tabela 1 – Comparação entre os elementos estruturais da ocupação dos Laklãnõ-Xokleng e a Colonial Germânica no Vale do Itajaí

Dimensões	Laklãnõ/Xoklengs	Colonial Germânica
Social	Pequenos núcleos; baixa população; Maior senso de comunidade, estrutura social interdependente e compartilhada, hierárquica. Sem pobreza, sem fome, todo trabalho era dividido;	Grandes cidades; alta população; Baixo senso de comunidade, trabalho individualizado, estruturas sociais fragmentadas, precarização das condições sociais e de trabalho, pobreza, fome, desigualdade social;
Espacial	Sem cortes, aterros, não ocupavam área de enchentes, construíam com materiais da própria natureza, não modificaram curso d'água, apropriação integrada com a natureza;	Cortes, aterros, canalizações, grandes modificações do espaço como barragens e represas, acarretando, ocupação de área de cheias e deslizamentos acarretando problemáticas ambientais;
Ecológica	Preservação da natureza intrínseca ao indivíduo, retiravam da natureza apenas o necessário;	Devastação das florestas, mata ciliar, encostas, extermínio de espécies da fauna e flora, inclusive dos Laklãnõ-Xoklengs;
Econômica	Sem interesse, "subsistência compartilhada";	Indústrias, grandes capitalistas, destruição para o crescimento, trabalho.
Cultural	Cultura de preservação, ligada a natureza; Celebrações e culto a elementos naturais;	Cultura importada, racionalizada e homogênea ainda com forte ligação alemã, implantação da Oktoberfest e do Vale Europeu, o reitera o caráter higienista;
Tecnológico	Materiais sustentáveis retirados da natureza, folhas e pequenos troncos.	Materiais importados, cerâmica tijolos, pisos e telhas, madeira beneficiada, blocos de pedra. Extração e manufatura desses materiais causam impacto ambiental.
Resumo	Equidade Socioambiental, O povo Laklãnõ-Xokleng percebe a Terra como um espaço sagrado que protege e que promove a vida por meio de uma prática da dádiva e da reciprocidade (Florit et al, 2016).	Conflitos Socioambientais no território (Desigualdade social, conflitos por espaço, desastres socioambientais, devastação do meio ambiente.

Fonte: Autor, 2018



Grinde (2009) vê a conexão com o mundo tribal sendo substituída por famílias nucleares que estão dentro de uma rede social relativamente fraca e instável, à qual nossa biologia reage negativamente. Segundo o autor a vida tribal que está mais de acordo com a nossa história evolutiva. A vida urbana constituída pelos colonizadores também trouxe benefícios para formação sociedade. Principalmente pela implantação de tecnologias. Porém é preciso encontrar um equilíbrio entre os modelos, para que possamos ir em direção à uma sociedade mais resiliente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um novo colapso regional, como o de 2008, parece ser cada vez mais evidente. Por isso, pensar em novos paradigmas socioambientais inspirados em elementos da vida tribal, a fim de, minimizar os problemas urbanos, parece algo relevante. Porém, como desterritorializar as pessoas da vida urbana, sem uma grande crise ou uma ruptura brusca no sistema? Como fazer com que os governos, que trabalham a favor do capital, mudem seus conceitos industriais em detrimento a uma vida baseada na comunidade e na natureza? Acredito que seja possível essa mudança. Porém, não cabe a mim, sozinho, definir um plano de desenvolvimento baseado em modos de vida tradicionais. Espero que este ensaio contribua, ao menos, para uma construção de um pensamento menos reducionista em relação aos povos tradicionais, assim, entendendo as problemáticas regionais em sua complexidade global.

REFERÊNCIAS

CEPED. Relatório dos Danos Materiais e Prejuízos Decorrentes de Desastres Naturais em Santa Catarina. UFSC, 2016. Disponível em: acessado em 08 setembro de 2018.

FLD – PROJETOS VIDA ACTALIANÇA. A tragédia que ninguém vê: o outro lado da Barragem Norte em Santa Catarina. Disponível em: <https://www.fld.com.br/blog/a-tragedia-que-ninguem-ve-o-outro-lado-da-barragem/> > acesso: 12 de dezembro de 2018.



FLORIT, L.; OLIVEIRA, L.B.; FLEURI, R. M; WARTHA, R. Índios do “Vale Europeu”. Justiça ambiental e território no Sul do Brasil. *Novos Cadernos NAEA* v. 19, n. 2, p. 21-41, maio-agosto, 2016, ISSN 1516-6481 / 2179-7536

GRINDE, B. (2009). An evolutionary perspective on the importance of community relations for quality of life.. *The Scientific World Journal*, 9, 588–605.

HEINEBERG, M. R. Conhecimento e uso das plantas pelos Xokleng na TI Ibirama-Laklãnõ, Santa Catarina. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129007>> acessado:12 de dezembro de 2018.

MAIOR, Flávia Souto. Xokleng, uma civilização perdida em Santa Catarina. 2004. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/xokleng-civilizacao-perdida-santa-catarina-433786.shtml>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

MINDLIN, B. Comunitário ou coletivo: um caso tribal. *Rev. adm. empres.* vol.24 no.3 São Paulo jul./set. 1984

MULLER, S. A. Opressão e depredação: a construção da barragem de Ibirama e a desagregação da comunidade indígena local. 1987. 80 f. Dissertação (Centro de Ciências Sociais). Universidade Regional de Blumenau - FURB. Blumenau: Editora FURB, 1987.

NAMEM, A. M. Botocudo: uma história do contato. Florianópolis. Editora UFSC: Blumenau: Editora FURB, 1994

PEREIRA, W. da S. et al. Laudo antropológico de identificação e delimitação de terra de ocupação tradicional Xokleng: história de contato, dinâmica social e mobilidade indígena no sul do Brasil. Porto Alegre: FUNAI, 1998.

SANTOS, S. C. Os índios Xokleng: memória visual. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

SCHMITZ, S. Acesso à justiça: dificuldades enfrentadas pelos índios Xokleng/Laklãnõ na busca por seus direitos na comarca de Ibirama.. Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 2017



WIK, F. B. Organização social e atual. Disponível em:
<<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xokleng/978>>. Acesso em: 8 nov. 2018.

WITMANN, A. A stadplatz. 2015. Disponível em :< <https://na.gelinawittmann.blogspot.com/>>
acessado em:13 de dezembro de 2018.